

“Matrimonializar” a vida espiritual: tornar Cristo presente no meio do casamento

São Josemaria dizia que o matrimônio é um “caminho divino sobre a terra”. Mas como transformar isso em realidade na vida diária? Muitos casais cristãos têm fé, vão à Missa, desejam educar bem os filhos, mas sentem a falta de um caminho concreto. Como traduzir isso na vida diária? Um comentário ao livro “Dois em Deus”, de Javier Vidal-Quadras.

06/03/2026

O livro **Dois em Deus**, de Javier Vidal-Quadras sugere um ponto decisivo ter uma verdadeira vivência espiritual matrimonial. Deus não quis apenas que o casamento “fosse de Deus”, mas que se tornasse o lugar, o meio e o caminho ordinário de encontro com Ele. Não se trata de acrescentar mais coisas à agenda do casal, mas de aprender a “matrimonializar” a vida espiritual: viver a fé a dois, na relação entre marido e mulher.

1. Uma única vocação: santidade e matrimônio

Às vezes falamos da “vocação à santidade” e, em seguida, da “vocação ao matrimônio”, como se fossem duas chamadas superpostas. Na realidade, para os esposos

cristãos trata-se de uma única vocação: Deus chama cada um à santidade precisamente através do outro, por meio da vida matrimonial.

O matrimônio não é apenas um contexto afetivo ou uma estrutura social, mas é um chamado pessoal de Deus, feito à liberdade de um homem e de uma mulher, para que se tornem uma só carne e, assim, imagem viva do amor com que Cristo ama a Igreja. É um sacramento da criação e da redenção: nasce já na união de Adão e Eva, e encontra sua plenitude na aliança de Cristo com a Igreja.

Por isso, a nossa história de amor tem um antes e um depois. Há um momento – quase sempre silencioso, às vezes inesperado – em que se acende uma luz interior: reconhecemos, na pessoa amada, um caminho de Deus para nós. Não se trata apenas de “eu te escolho porque

gosto de você”, mas de “em você eu descubro para onde Deus quer conduzir a minha vida”. Essa descoberta é a vocação matrimonial.

2. Ministros do matrimônio: a liturgia é a vida

No rito católico do Matrimônio, os verdadeiros ministros do sacramento não são o sacerdote ou o diácono, mas os próprios noivos. Eles se entregam e se recebem mutuamente em nome de Cristo. O ministro ordenado é testemunha qualificada dessa aliança.

Essa verdade litúrgica tem consequências profundas para a vida espiritual do casal. Se fomos nós que, com nossa palavra e consentimento, fizemos de nossa união um sacramento, então somos também nós os encarregados de tornar Cristo presente no dia a dia do matrimônio. Somos ministros do sacramento não

apenas naquele dia, mas em toda a vida conjugal.

Não é necessária uma “liturgia paralela” para isso. A nossa liturgia é a vida. Cristo está presente no matrimônio por meio de todos os atos e atividades ordinárias com que cuidamos da união e da fidelidade: a paciência num momento de cansaço, a escuta sincera depois de um dia difícil, o pedir perdão e saber perdoar, o abraço reconciliador, a ternura no leito conjugal, o esforço de compreender o ponto de vista do outro, a decisão de recomeçar quantas vezes for preciso.

Sempre que os cônjuges se amam “como Cristo ama a Igreja”, a graça do sacramento volta a atuar, quase como se o altar do dia do casamento se tornasse novamente presente no meio da sala, da cozinha, do quarto. O matrimônio é o único sacramento que se vive “de dois em

dois”, e é de dois em dois que se santifica.

3. “Matrimonializar” a vida de piedade

A espiritualidade autêntica deve adaptar-se às circunstâncias concretas de cada pessoa, como uma luva que se ajusta à mão. A mensagem de que “há algo de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir” ganha uma ressonância particular quando aplicada ao casamento.

Javier Vidal-Quadras fala, seguindo São Josemaria, de uma verdadeira “matrimonialização” da vida de piedade. Não se trata apenas de somar práticas em comum, mas de permitir que a própria textura da piedade cristã – oração, sacramentos, devoções – assumam um rosto conjugal.

“Matrimonializar” a vida de piedade significa:

– Rezar a partir do matrimônio

Não é apenas “rezar pelo casamento”, mas rezar dentro do casamento. Pedir juntos, por exemplo, que o Senhor esteja presente em tudo o que viverem naquele dia, que lhes ensine a olhar um para o outro com Seus olhos, a perdoar como Ele perdoa, a servir como Ele serve.

– Unir a oração pessoal à vida do outro

Cada um precisa de momentos pessoais de oração, de Eucaristia, de Confissão. Porém, a vida interior de um cônjuge nunca é neutra para o outro. A amizade com Cristo, a luta por crescer na fé, inevitavelmente repercutem na qualidade do amor conjugal. Ao levarmos para a oração as alegrias e as dores do cônjuge, os

seus medos, sofrimentos e esperanças, começamos a olhar para ele com a ternura de Deus.

– Assumir a comunhão espiritual como realidade concreta

A “comunhão dos santos” não é uma ideia abstrata. Num casal que luta pela santidade, o bem de um torna mais fácil a luta do outro; a queda de um pede o apoio, a oração, a paciência do outro. Há uma circulação de graça dentro do matrimônio. É desse tecido espiritual, quase invisível, que nasce aquilo que podemos chamar de santidade matrimonial.

4. A hierarquia do amor: depois de Deus, o cônjuge

Um ponto delicado, mas muito necessário, é a ordenação dos amores. Tudo aquilo que é bom – filhos, trabalho, amigos, apostolado, hobbies – pode, se não estivermos

atentos, deslocar o cônjuge do lugar que lhe cabe. Na hierarquia do amor, depois de Deus, o primeiro lugar pertence ao marido ou à esposa, acima dos filhos.

Embora possa parecer duro à primeira vista, é um ato de amor profundo aos próprios filhos. Uma criança que vê o pai e a mãe se amarem, se respeitarem, se perdoarem e se escolherem mutuamente acima de tudo, cresce com um chão firme sob os pés. Sabe que nada a fará tão feliz quanto aprender, no futuro, a amar também assim.

Com o passar dos anos, o risco é deixar-se levar pela rotina: o trabalho absorvente, as preocupações econômicas, a educação dos filhos, as pequenas tensões diárias. Sem perceber, o casal começa a viver como se “Deus estivesse ausente das coisas de cada

dia” e, pouco a pouco, também o cônjuge vai sendo posto entre parênteses. É precisamente aí que a consciência da vocação matrimonial se torna decisiva.

Recolocar o cônjuge no lugar que lhe corresponde, depois de Deus, significa rever prioridades, reorganizar o tempo e abrir mão de certas seguranças ou comodidades. Significa, sobretudo, recuperar a admiração, o olhar agradecido, a ternura inicial. Em linguagem muito simples: aprender, muitas vezes ao longo da vida, a “re-apaixonar-se” um pelo outro.

5. Santidade a dois: vocação, imitação, eternidade

Se a vocação à santidade e a vocação ao matrimônio são uma única chamada para os casados, então o caminho espiritual também se faz a dois.

– **Vocação**

Deus está comprometido com cada matrimônio cristão. É como se Ele dissesse: “Se vocês se casarem, Eu estarei com vocês todos os dias de suas vidas”. A santidade matrimonial não é um ideal abstrato, mas a resposta concreta a esse compromisso de Deus: permitir que Deus entre na história de amor, purificando, fortalecendo, curando e elevando.

– **Imitação**

Para amar como Cristo ama a Igreja, é preciso aprender a viver como filhos de Deus, como “outro Cristo” no coração do lar. Isso implica deixar muita coisa para trás: egoísmos, apegos, dependências que ameaçam a entrega total. Cada um é convidado a reconhecer, com realismo, aquilo que, em seu temperamento ou hábitos, pode corromper a promessa de amar “para sempre”.

– Eternidade

Daí nasce também uma pergunta que inquieta muitos casais: o que acontecerá com o nosso matrimônio na vida eterna? Permaneceremos unidos? Continuaremos a ser esposos?

À luz das palavras de Cristo – “quando ressuscitarem dos mortos, nem eles se casam, nem elas se dão em casamento, mas são como os anjos nos céus” –, a Igreja ensina que, na ressurreição, continuaremos sendo homens e mulheres, mas o casamento e a procriação não farão mais parte do futuro escatológico. Isso não significa, porém, que os amores da terra se apagarão, como se não tivessem contado.

Julián Marías, citado por Javier Vidal-Quadras, lembra que imaginar a vida eterna como algo “abstrato e sem conexão com a nossa realidade” seria uma infidelidade ao Criador. A

eternidade deve ser entendida como “prolongamento, talvez realização plena, da ‘minha’ vida, a de cada um, com sua concretude, suas experiências, seus amores irrenunciáveis”. São Josemaria também via o Céu assim: não como anulação da história vivida, mas como sua plenitude em Deus.

Isso inclui, naturalmente, a história do amor matrimonial. Esses amores serão divinizados, sobrenaturalizados, integrados em Deus e transformados para se ajustarem à nova condição de nossos corpos glorificados. Eles deixarão de ser vividos sob as limitações e feridas do pecado, mas não deixarão de ser amores. Em Deus, tudo o que foi amado retamente encontrará sua purificação e sua plenitude.

Este artigo inspira-se no livro Dois em Deus: uma proposta de espiritualidade matrimonial

segundo os ensinamentos de São Josemaria, de Javier

Vidal-Quadras (São Paulo: Cultor de Livros, 2025, tradução de Daniel Araújo), que apresenta, com linguagem acessível e profunda, um itinerário de vida espiritual pensado a partir da realidade concreta do matrimônio.

Javier Vidal-Quadras Trías de Bes é casado e pai de família. Advogado de profissão, é sócio do escritório Amat & Vidal-Quadras e professor de Direito. Tem ampla experiência em temas relacionados à família, ao matrimônio e à educação, sobre os quais escreveu diversos livros e conferências, sempre com o desejo de mostrar que a vida familiar é, de fato, um caminho de santidade aberto a todos.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/
matrimonializar-a-vida-espiritual-
tornar-cristo-presente-no-meio-do-
casamento/](https://opusdei.org/pt-br/article/matrimonializar-a-vida-espiritual-tornar-cristo-presente-no-meio-do-casamento/) (06/03/2026)